

# Histórias de Kuiãs e Griôs: entrelaçamentos entre letramento literário e letramento racial<sup>1</sup>

César Augusto González<sup>2</sup>, Mariane Martins Rapôso<sup>3</sup>

## RESUMO

Este é o relato das atividades do projeto de extensão “Histórias de Kuiãs e Griôs”, no qual promove a contação de histórias protagonizadas por personagens indígenas e africanos/afro-brasileiros, escritas por autores dessas etnias. O objetivo do projeto é contribuir com a efetivação da Lei nº. 11.645/2008, que obriga o ensino de história e cultura indígena e africana/afro-brasileira. O público-alvo é constituído por estudantes dos primeiros anos do ensino fundamental. Para tanto, o projeto se apoia nos conceitos de letramento literário, *i.e.*, o processo de apropriação da linguagem literária, e de letramento racial, *i.e.*, práticas de leitura de estruturas raciais, bem como modos de lhes responder. Consideramos que o projeto atingiu seu objetivo no que diz respeito à Lei em questão, promovendo, ainda, o letramento literário e o letramento racial entre os estudantes que participaram da ação.

**Palavras-chave:** Contação de histórias. Lei nº. 11.645/2008. Literatura infantil. Projeto de extensão.

## Introdução

Neste texto, apresentamos o projeto de extensão “Histórias de Kuiãs e Griôs”<sup>4</sup>. O projeto visa a contar histórias da literatura infantil com protagonistas indígenas e africanos/afro-brasileiros, cujos autores preferencialmente pertençam a essas etnias. Nosso público-alvo são crianças de anos iniciais do ensino fundamental das escolas públicas de abrangência de nosso *campus*. Com isso, pretendemos contribuir com a efetivação da Lei nº. 11.645/2008, na qual obriga o ensino de história

<sup>1</sup> Projeto de extensão: Histórias de Kuiãs e Griôs, 2022.

<sup>2</sup> Doutor em Linguística Aplicada, docente de Língua Portuguesa e Literatura no Instituto Federal Farroupilha (IFFar), *Campus Frederico Westphalen*. [cesar.gonzalez@iffarroupilha.edu.br](mailto:cesar.gonzalez@iffarroupilha.edu.br)

<sup>3</sup> Mestra em Educação, docente de Arte no Instituto Federal Farroupilha (IFFar), *Campus Frederico Westphalen*. [mariane.raposo@iffarroupilha.edu.br](mailto:mariane.raposo@iffarroupilha.edu.br)

<sup>4</sup> O projeto faz referência a Kuiãs e Griôs. Kuiãs são xamãs Kanhgâg, povo indígena do Norte do RS. Griôs são anciãos africanos que preservam o conhecimento de seus povos.

e cultura indígena e afro-brasileira. Além disso, de um ponto de vista teórico, esperamos contribuir com o letramento literário e racial das crianças atingidas.

Realizamos o projeto ao longo do ano de 2022. Inicialmente, junto de bolsistas do ensino médio integrado, lemos, discutimos e selecionamos livros adequados. Em seguida, colaborativamente, passamos a produzir diferentes performances para a contação das histórias. Optamos pelo teatro (*A origem do fogo*, de Daniel Munduruku), pelo teatro de sombras (*A sagrada família*, de Joel Ruffino dos Santos), pela contação de história apoiada por uma maquete de materiais reciclados (*Onde a onça bebe água*, de Verônica Stigger e Eduardo Viveiros de Castro) e pela declamação de um poema com apoio de uma boneca cujos cabelos - tema central do texto - eram remodelados a cada estrofe (*Meu crespo é de rainha*, de bell hooks)<sup>5</sup>.

Montadas as performances, entramos em contato com secretarias de educação de municípios vizinhos ao *campus*, convidando-os a participar do projeto. A proposta foi bem aceita e fizemos apresentações em três municípios: Caiçara, Cristal do Sul e Taquaruçu do Sul. Todas as apresentações ocorreram em novembro, a pedido das escolas, em razão do dia da consciência negra (20/11). As apresentações foram gravadas em vídeo, a fim de que possamos estudá-las e qualificar a intervenção em uma nova edição do projeto.

## A teoria e a prática

Teoricamente, o trabalho se fundamenta nos conceitos de letramento literário e de letramento racial. Nesta seção, discutiremos os conceitos e demonstraremos como ambos foram trabalhados no projeto.

## Letramento literário

Rildo Cosson (2014, s.p.) sucintamente explica que “Letramento literário é o processo de apropriação da literatura enquanto linguagem”. Por meio dessa conceituação, o autor destaca o caráter processual, e, portanto, infindo, desse tipo de letramento; a internalização da literatura, de modo a torná-la parte de si; e a excepcionalidade da linguagem literária, isto é, “um modo muito singular de construir sentidos que é a linguagem literária” (COSSON, 2014, s.p.).

Nosso projeto reconhece o processo do letramento literário. Nesse sentido, entendemos que as performances são apenas uma das práticas que envolvem a literatura. Nas visitas às escolas, não foi raro ver estudantes e professoras conversando sobre as apresentações, fazendo relações com outras histórias lidas em sala de aula. Também professoras que participavam do evento comumente informavam que retomariam as histórias nas suas aulas.

Do ponto de vista da apropriação da literatura, tomamos o cuidado de empregar diferentes técnicas para a contação das histórias. Essa opção multiplica as possibilidades de apreensão do texto literário, na medida em que acolhe diferentes perfis de estudantes. Também, em nossas apresentações, apesar de conscientes de que nossa atuação era um processo de tradução intersemiótica, buscamos manter a linguagem verbal dos textos originais, com o intuito de garantir acesso à linguagem literária.

<sup>5</sup> A referência completa dos livros está na última seção do texto.



↑ **Figura 1.** Apresentação do texto *Onde a onça bebe água*, de Verônica Stigger e Eduardo Viveiros de Castro, em EEEM Mathias Balduino Huppes, Cristal do Sul, RS. **Fonte:** Elaborada pelos autores (2022).

## Letramento racial

Letramento racial, segundo Vieira (2022), diz respeito a um conjunto de “práticas de leitura” dos contextos e das estruturas raciais dentro dos quais os sujeitos se inserem e aos quais os sujeitos respondem. Nesse sentido, mesmo uma pessoa branca que não perceba seus privilégios possui letramento racial, ainda que orientado pelo racismo. Por isso, deve-se almejar por um letramento racial crítico e antirracista:

Parece-me necessário acrescentar mais duas palavras [crítico e antirracista], explicitando o projeto a que se liga tal letramento racial. [...] Desenvolver letramento racial antirracista é um processo individual, mas que só é possível em relação. (VIEIRA, 2022, p. 60-61).

Acreditamos que essa relação a que se refere Vieira (2002) pode ser constituída por meio do diálogo com a literatura. Por isso, como afirmado, o projeto selecionou obras com personagens indígenas e africanos/afro-brasileiros. Pretendemos, com isso, valorizar e positivar a cultura e a história desses povos, de modo a permitir que se estabeleçam processos (incipientes) de reflexão sobre as relações raciais.

As histórias de origem indígena, por um lado, mostram que a esperteza de um frágil macaco é capaz de superar a força e a autoridade de uma onça (*A origem do fogo*); por outro lado, elas também ensinam um modo singular de ver o mundo, de acordo com o qual humanos e animais são aparentados e a realidade é múltipla segundo a perspectiva de cada ator. Por isso, ainda que o humano seja um forte caçador, para a onça, ele não passa de um catitu (*Onde a onça bebe água*).

As histórias de origem africana e afro-brasileira, por um lado, atribuem sentidos muito positivos a certos traços fenotípicos negros (*Meu crespo é de rainha*); e, por outro, retomam mitos fundantes de África, evidenciando a diversidade cultural e a longa trajetória dos povos africanos. Inclusive, *A sagrada família*, que narra a história de Osíris, Ísis e Hórus, tem um sugestivo título, que estabelece clara relação com a cultura cristã, hegemônica no Brasil.



↑ **Figura 2.** Apresentação do texto *Meu crespo é de rainha*, de bell hooks, em EMEF Santa Catarina, Caiçara, RS.  
Fonte: Elaborada pelos autores (2022).

## Conclusão

O projeto de extensão “Histórias de Kuiãs e Griôs” nasce de um desejo de contribuir com a efetivação da Lei nº. 11.645/2008, na qual orienta o trabalho com questões indígenas e africanas/ afro-brasileiras. Nosso público-alvo eram estudantes de escolas de ensino fundamental I da região de abrangência do *Campus* Frederico Westphalen do Instituto Federal Farroupilha, no norte do estado do Rio Grande do Sul.

Estruturamos nosso projeto com base em dois conceitos. O conceito de letramento literário nos permite pensar modos de ler a literatura infantil de maneira a produzir o diálogo com o texto literário e sobre a literatura em si, apropriando-se das histórias contadas e conhecendo a linguagem literária. O conceito de letramento racial contribui com a percepção de estruturas raciais e com a resposta aos desafios por elas colocados. Nesse sentido, as histórias selecionadas possibilitam o conhecimento de outras culturas, fazendo dialogar a cultura dos estudantes com aquelas representadas na literatura. As narrativas também retomam, valorizam e positivam a cultura e a história de indígenas e africanos/afrodescendentes. Assim, contribuem com o aguçamento da percepção de estruturas raciais, bem como - ainda que de maneira limitada - ampliam o quadro de possíveis respostas a elas.

É possível que, em certos contextos, tal projeto não seja considerado muito inovador. Com efeito, há vários grupos que realizam a atividade, e não é incomum que autores de literatura infantil visitem escolas para contar suas histórias. Contudo, essa não é a realidade nos pequenos municípios do interior do Rio Grande do Sul. Nesses lugares, são raras as peças teatrais, as exposições cinematográficas, as exposições de artes plásticas, as bibliotecas ricas em livros de qualidade. Por isso, nesse contexto, o trabalho que fazemos é bastante relevante.

É evidente que, enquanto “performance”, a contação de histórias depende de múltiplos fatores, entre os quais constam o contador, o texto escolhido, a técnica empregada na contação, a relação estabelecida com espectadores, etc. É, portanto, importante avaliar esse trabalho com algum grau de objetividade, a fim de que se possa qualificar a contação. Entendemos que um dos modos de fazê-lo é gravando as performances para posterior análise. Nessa fase do projeto, pudemos realizar a filmagem das performances, mas não sua análise, a qual pretendemos fazer na próxima edição do projeto.

Por fim, destacamos que a promoção do letramento literário e do letramento racial é, a nosso ver, essencial para a qualificação dos processos escolares, incentivando a leitura e promovendo a reflexão sobre as questões de raça. Por isso, julgamos que é importante que experiências variadas focadas nessas questões sejam compartilhadas, a fim de que, por meio do diálogo, se possam construir intervenções educacionais cada vez mais frutíferas.

## Referências

COSSON, R. Letramento literário. In: FRADE, I. C. A. da S.; VAL, M. da G. C.; BREGUNCI, M. das G. de C. (orgs.). **Glossário CEALE**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Faculdade de Educação: Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/letramento-literario>. Acesso em: 18 dez. 2022.

HOOKS, B. **Meu crespo é de rainha**. Ilustração Chris Raschka. São Paulo: Boitatá, 2018.

MUNDURUKU, D. A origem do fogo: mito do povo Bororo, do Mato Grosso. In: MUNDURUKU, D. **Outras tantas histórias indígenas de origem das coisas e do universo**. Ilustração de Maurício Negro. São Paulo: Global, 2008, p. 37-42.

SANTOS, J. R. dos. A sagrada família. In: \_\_\_\_\_. **Gosto de África**: histórias de lá e daqui. Ilustração de Cláudia Scatamacchia. 4ª ed. São Paulo: Global, 2005. p.15-20.

STIGGER, V.; CASTRO, E. V. de. **Onde a onça bebe água**. Ilustração de Fernando Vilela. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

VIEIRA, B. D. M. Letramento racial: da emergência de uma formulação. **Revista espaço acadêmico**, abr. 2022, edição especial, ano XXI. p. 53-64. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/60366/751375153961>. Acesso em: 18 dez.2022.